



A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NO ENSINO MÉDIO (THE READING OF LITERARY TEXTS IN HIGH SCHOOL)

Cláudio Silveira MAIA (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

ABSTRACT: *The aim of this paper is to show the theoretical discourse in comparison to the practice in the teaching and learning of literary texts through Reading. The present study take place in two high school freshman classes – one, a private and the other, a state school.*

KEYWORDS: *reading; literature; culture.*

0. Introdução

Esta pesquisa é a gênese de um projeto em andamento, que se orienta através de estudos desenvolvidos por professores e especialistas do ensino-aprendizagem de leitura. Seguindo a proposição comum destes estudos, será possível “catalisar” os elementos norteadores da leitura, seus princípios, fundamentos e todo um sistema de relações entre ela – a leitura – e o leitor.

A partir da interatividade entre os textos aqui citados, poderemos sentir os efeitos da disfunção histórico-literária, gerada pela concentração de cultura e pela formação de contra-cultura dentro e fora da comunidade escolar.

Entenda-se, sempre com base em reflexões preliminares, que a natureza da direção dada ao ensino de leitura será fator determinante para o progresso ou inibição do ato de ler. Por conseguinte, pretende-se, nesta pesquisa, analisar o discurso do professor de língua materna de duas escolas do ensino médio: uma pública e outra particular, sobre o ensino-aprendizagem de leitura de textos literários; bem como verificar se estes professores vêem a leitura destes textos como instrumento educacional capaz de formar o gosto, hábito e prazer pela leitura.

1. A crise do ensino de língua portuguesa

Com efeito, esta pesquisa seguiu a proposição abordada em Magnani (1989: 34): “De um ponto de vista interacionista, a leitura é um processo de construção de sentidos. Oscilando numa tensão constante entre paráfrase (reprodução de significados) e polissemia (produção de novos significados), ela se constitui num processo de interação homem/mundo, através de uma relação dialógica entre leitor e texto, mediada pelas condições de emergência (produção, edição, difusão, seleção) e utilização desses textos.”

A crise do ensino de língua portuguesa está ligada, entre outros fatores, ao tratamento ainda empiricista aplicado na aprendizagem da leitura, por parte da organização escolar.



Apesar de a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação incentivar a Formação da Cultura Universal na anacrônica cultura escolar; Cultura Universal que se conjuga na necessidade de formar em cada cidadão brasileiro um conjunto de atitudes, valores, habilidades, posturas, conhecimentos e destrezas referidos ao mundo da produção, do trabalho, da ciência e da tecnologia; muitas vezes, não é isto que escola tem reportado à sociedade em pleno vigor da Nova Lei.

Compreende-se que a leitura é “a propulsão e a esteira da locomotiva” multidisciplinar. Contudo, ela ainda está reduzida a um mero instrumento de ênfase utilitarista que serve apenas para distinguir massas tuteladas de elites dirigentes. Conseqüentemente, todos os vagões dessa “locomotiva” tendem a descarrilar para as margens da evolução e a continuar configurando a estética autoritarista dos velhos tempos, porém não muito distantes, de regime militar, de cerceamento da liberdade do indivíduo.

Com isso, o cultivo das capacidades artísticas – que começa pela leitura e se relaciona com a descoberta do ser humano enquanto “homo faber”, ativo, transformador, capaz de criar e criar-se, produzir e produzir-se, capaz de sentir, gozar, admirar-se de sua produção, de sua obra de arte e de sua humanização – simplesmente não existe.

A saber, esta pesquisa por tratar da leitura, e leitura de textos literários; buscou-se fundamentação em argumentos que significam a formação de cidadãos capazes de compreender criticamente a realidade social a partir da leitura. Assim: Magnani (1989: 14 –7) afirma que ensinar a ler importa um trabalho centrado na leitura, e em especial do texto literário.

Para tanto, tornam-se prementes algumas considerações, concernentes ao sentido de literário, à sua propriedade de mediador e de objeto e, finalmente, aos critérios para sua seleção.

Enquanto obra de linguagem que busca a excelência qualitativa, que reclama a diferença e a interação do que é deveras, e dado seu caráter de gratuidade e permanência no tempo, o texto literário pede e permite um trabalho distinto de leitura. Ao mesmo tempo, oferece a fruição estética não controlada, não instrumentalizada, nem etapizada ou seriada. O texto literário apresenta-se como multiplicador, opondo-se ao consumismo e à destruição dos elementos da cultura e favorecendo outras relações dos leitores entre si, com seu passado, presente e futuro.

E Bakhtin:

O próprio ser do homem (exterior como interior) é uma comunicação profunda. Ser significa comunicar [...] o homem não possui um território interior soberano, ele se situa todo e sempre em uma fronteira: olhando para o seu interior, ele o olha nos olhos do outro ou através dos olhos do outro.
(Bakhtin, 1981:140)

E, ainda, Zilberman (1982: 63– 83): o ensino convertido em profissionalizante ou transformando-se numa aspiração para grupos sociais que, por várias razões, dificilmente chegarão à universidade, fez o segundo grau (hoje ensino médio) redefinir



suas expectativas em relação à presença da literatura no currículo. De um lado, porque o conhecimento da literatura não é propriamente profissionalizante: o aluno, ao estudá-la, não adquire nenhum saber prático com o qual possa se manter financeiramente; logo não se justifica enquanto “terminalidade”. De outro, os estudos literários não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de Letras; portanto a “continuidade” também não comparece.

Este resultado não se propõe num segmento de início e fim. É um resultado que propõe a continuidade permanente e a terminalidade da transposição de um degrau para se chegar a outro.

A escola moderna, segundo a nova LDB, deve atuar no sentido de formar cidadãos críticos, agentes integrados à dialética da transformação político-econômica e sócio-cultural da realidade presente, que não é a de ontem e já não é a de amanhã. Nisso tudo, a leitura tem um papel fundamental, mesmo crucial, dadas a velocidade das mudanças e as complexidades das relações entre o homem e o meio.

Não se pode negar a importância do trabalho de leitura com textos informativos; e isto é muito óbvio tendo em vista o contato, dentro e fora da escola, com assuntos das áreas de estudos sociais, ciências, programas de saúde, esporte, etc.

Já o texto literário, na sua totalidade significativa, é uma representação simbólica do mundo e está aberto às inúmeras possibilidades de leitura. Não sendo produto acabado, oferece a opção de o leitor atribuir-lhe significado a partir de suas vivências e de sua imaginação. Enseja, portanto, um trabalho que vai além do texto. Que valoriza a construção e apreensão do real mediante a utilização artística da linguagem, despertando os sentidos e as emoções.

Entretanto, o ensino de leitura, nas escolas em questão, revela uma prática muito diferente desta perspectiva. Como será visto em nossa análise.

2. Análise dos dados

Para atestar este fato, seguem, transcritas, as entrevistas com os professores de literatura das turmas por nós acompanhadas. Objetivando facilitar essa análise, será usado P1 (professor da escola particular) e P2 (professor da escola pública):

1 – O que se entende como ensino de “Leitura”?

P1: *O ensino da leitura consiste em estimular o aluno a ler. Infelizmente, o ensino de leitura ainda está subordinado a uma metodologia dos tempos da ditadura.*

P2: *O ensino da leitura pra mim é você conseguir provar para os seus alunos a razão do porquê se deve saber ler e ler bem.*

Com base nas argumentações acima, é justo pressupor que: se temos um conceito de leitura definido numa ótica sócio-interacionista e somos “instruídos” segundo uma perspectiva behaviorista-skinneriana, o ensino-aprendizagem de leitura não se realiza.



2. Como ou de que forma se vê a aprendizagem de leitura por parte de seus alunos?

P1: *Vejo que falta muito interesse. São poucos os que lêem livros. Acho que essa falta de interesse se deve ao envolvimento do brasileiro com rádio até nos anos “70” e depois com a televisão.*

P2: *Olha, eu vejo que ainda falta muito para que a maioria encare a leitura com a necessidade e a responsabilidade e a seriedade que ela pede.*

Pela fala destes professores, os alunos são os responsáveis pelo fracasso do ensino de leitura, mas a falta de interesse e da seriedade surge em função da metodologia voltada para o condicionamento da reprodução: “estímulo x resposta”. Daí decorrem a passividade, a amortização da crítica e da criatividade, o consumo mecânico e nada significativo das idéias propostas nos textos, etc.

3. Textos literários. Qual a importância destes para o ensino-aprendizagem da leitura?

P1: *Acho que tudo que se lê é importante. O que ocorre é que muitos têm dificuldades de compreender a leitura de um texto literário.*

P2: *É muito importante a leitura de textos literários; especialmente devido ao grau de dificuldade que estes textos apresentam. Eles requerem muita atenção e exigem que os alunos exercitem mais o raciocínio.*

Para estes professores a leitura de textos literários é uma atividade difícil, como se fosse um exercício de matemática: “eles requerem muita atenção e exigem que os alunos exercitem mais o raciocínio (P2) e em (P1) muitos têm dificuldade de compreender a leitura.” Nessa ótica, os textos-fontes do conhecimento não são recriados numa nova síntese potencializadora da compreensão própria do aluno em relação à sua realidade; analogamente, são estudados visando a nota e/ou a aprovação na disciplina.

4. O que seus alunos lêem?

P1: *Aqui a gente está sempre exigindo que eles leiam livros como “Dom Casmurro”, “Senhora”... enfim, livros que são mais cobrados em vestibular.*

P2: *Bom, eu diria que a grande maioria só lê o que a gente traz pra ser lido em sala de aula e os textos do próprio livro didático. Pedir pra eles lerem outros livros a gente pede e alguns até lêem, mas quando a gente cobra uma interpretação, os resultados não são satisfatórios.*

Essa leitura é de textos tomados como fins em si mesmos, o contexto do texto lido não é trabalhado de forma a proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito-leitor se situa. Esse tipo de leitura é uma constante nas escolas brasileiras do ensino básico ao médio e, com diferentes graus de incidência, na própria Universidade. Basta lembrar daqueles trabalhos escritos em que observamos o



plágio, a cópia literal, o discurso remissivo dentro do “estilo aspasiano”, etc... sem que o aluno demonstre uma inferência crítica na área do saber que se propôs estudar.

5. Como tem conduzido estes trabalhos?

P1: *Nós seguimos uma orientação pedagógica que vai desde a seleção dos materiais de leitura até o desenvolvimento de textos por parte dos nossos alunos, onde medimos os níveis de compreensão dos textos lidos.*

P2: *Na medida do possível, a gente tem incentivado a leitura em grupo e permitido algumas atividades de leitura com textos que eles gostam mais. Mas temos uma ementa pra seguir e isso não nos dá muito tempo para melhor trabalhar essa questão.*

Formaliza-se, assim, o “círculo vicioso do silêncio” – a única voz autorizada a falar, a afirmar, é aquela contida nos livros, a voz do estudante não soa dentro do trabalho que ele próprio produziu. Este fenômeno é a consequência da não integração curricular, do desprezo pelas condições de leitura: tempo, acesso aos textos, habilidades adquiridas, etc... A “enxurrada de livros e/ou apostilas” não permite tempo para a discussão das idéias, para a exteriorização das interpretações individuais, nem para a interlocução.

3. Conclusão

Tomar o ensino de leitura como sinônimo de leituras efetuadas, é restringir em muito ou distorcer completamente a dimensão desse ato.

O ensino-aprendizagem de leitura deve e pode ser mediado por textos literários. No entanto, tal procedimento exige, entre outros, a incursão de relações dialógicas para a interação entre as pessoas, para a projeção do avanço cognitivo sobre certas questões e para as decisões a serem consideradas quanto às necessidades de aprendizagem do grupo. Sem a prática de fato dessas relações, sem discutir os textos escolhidos, sem organizar os conteúdos do conhecimento, tem-se o dito pelo não feito, a abordagem livresca no processo educativo. Abordagem que faz eco do regime autoritário e gerador de medo, de individualismo.

A abordagem da mera adequação ao vestibular ou da regressão a um tipo de educação particularista. Abordagem que não cabe dentro da nova escola da qual todos nós fazemos parte: “A escola Democrática e Universalizante”.

RESUMO: A convergência no texto literário é uma via capaz de retomar o ensino-aprendizagem de leitura enquanto condição constituinte do histórico sócio-cultural do sujeito-leitor. Oportunamente, esta pesquisa retrata o ensino-aprendizagem de leitura de textos literários, apontando a dissonância entre o moderno discurso educacional e a prática escolar.



PALAVRAS-CHAVE: leitura; literatura; cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1981 (Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira).
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em Três Artigos que se Completam*. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1986.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 3 ed. São Paulo: Ática, Série (Educação em ação), 1997.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, Literatura e Escola*. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Texto e Linguagem), 1989.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de Pedagogia da Leitura*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Texto e Linguagem), 1998.
- ZILBERMAN, Regina. *Leitura em Crise na Escola*. 11 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. Séries (Novas Perspectivas 1), 1993.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394, de 1996. Apresentação: Marisa Serrano. Câmara dos Deputados. 50ª Legislatura. 3ª sessão Legislativa. Série: *Separatas de Leis, Decretos etc.* nº 8/1997.